



SOBRE AS PEQUENAS LAGOAS DA ILHA TERCEIRA

PAULO J. M. BARCELOS*

* ASSOCIAÇÃO
OS MONTANHEIROS

FOTOS SIARAM DA AUTO-
RIA DE PAULO HENRIQUE
SILVA. RESTANTES FOTOS DO
ARQUIVO DA ASSOCIAÇÃO OS
MONTANHEIROS.

NA ILHA TERCEIRA podemos falar apenas em *pequenas lagoas*. Poder-se-ia dizer que tal se deve às dimensões apresentadas por aquelas que são cartaz turístico nas ilhas de S. Miguel e das Flores, mas a verdade é que são efetivamente pequenas lagoas. No entanto existem, em número que depende da definição de *lagoa* que se queira assumir, e que infelizmente tem vindo a decrescer. Essas pequenas e pouco sensacionais lagoas serão hoje menos de duas dezenas, espalhadas um pouco por toda a ilha, a cotas superiores aos 300 metros.

Existe uma grande indefinição no mundo científico do que deve ser considerado como uma “lagoa”. É assunto com a sua complexidade, para o qual não existe na literatura um padrão de aceitação unânime pela comunidade científica. Têm de ser formadas exclusivamente por massas de água doce e, embora não exista um valor unanimemente aceite quando à dimensão, é obrigatório que a luz consiga atingir a parte mais profunda do seu leito. Curiosamente, muitos consideram que uma lagoa não tem de ter origem natural nem reter água durante todo o ano. Apesar da sua menor dimensão, nalgumas lagoas podem surgir excecionalmente pequenas

ondas provocadas por ventos fortes, e perceber-se a ação destas nas margens, que tendem a estar ocupadas por plantas que aí enraízam.

Tudo isso nos parece familiar e nos dá abertura para falarmos *daquilo que foi e é, do que já não é e do que surgiu onde não havia*.

A existência destes *corpos de água* deve-se principalmente a dois importantes fatores: o regime pluviométrico e a constituição dos solos nesta ilha. Para que existam lagoas é necessário a chegada de água e uma depressão no terreno, mas é também desejável que a água aí permaneça. Os terrenos vulcânicos podem ser muito fraturados e permeáveis, mas possuem na sua composição elementos que formam barreiras que impedem ou retardam a infiltração da água o suficiente para que surjam lagoas. Acontece assim quando materiais piroclásticos, como pedra-pomes e cinzas, são compactados (de forma natural) ou quando a água da chuva arrasta em profundidade os constituintes ferruginosos do solo e os deposita em horizontes *plácicos*. No que se refere à compactação dos solos, essa era também uma técnica desenvolvida pela população da ilha para criar os fundos impermeáveis das antigas cisternas e poços que ainda hoje ve-

mos nalguns terrenos agrícolas. Já a formação de horizontes plácicos são processos totalmente naturais, que resultam na formação de depósitos de ferro em extratos finos mas consolidados o suficiente para resistir à penetração radicular e infiltração das águas.

Em todas as lagoas há entrada de água e perda de água, o que constitui uma característica normal destes ecossistemas aquáticos. O que se registou na ilha Terceira foram práticas humanas que conduziram a uma alteração completa do equilíbrio precário que muitas lagoas mantinham, conduzindo ao inevitável desaparecimento de muitas destas enquanto tal. Embora sejam ainda hoje chamadas pelo povo de *lagoas*, grande parte das que outrora existiram nesta ilha acabaram por se transformar em *charcos sazonais*, onde desaparece a toalha de água livre durante o período estival ou, numa fase mais adiantada, em turfeiras formadas por comunidades de briófitos. Algumas desapareceram por completo, geralmente devido à intervenção humana, e apenas nas alturas de abundantes chuvadas criam espelhos de água, que duram alguns dias, o que nos dá uma perspectiva de como terão sido.

É importante perceber o que levou a que tantas lagoas nesta ilha se tenham transformado noutras coisas no espaço de um século, ou menos. As razões serão certamente várias. Talvez os tremores de terra possam originar fissuras nas impermes das lagoas, talvez as alterações climáticas promovam mudanças significativas no aporte de água às lagoas, mas a verdade, que a Associação Os Montanheiros foi constatando e denunciando, é que para muitas lagoas *defuntas* e *moribundas* apenas podemos apontar como culpado o Homem, cujas más práticas causaram impactos consideráveis acelerando os processos que levaram à sua eutrofização ou assoreamento.

Desviaram as águas que naturalmente escorriam para o interior de algumas lagoas, noutras alteraram o coberto vegetal das suas bacias reduzindo a interceção e captação da água atmosférica, noutros casos ainda reviraram os solos circundantes para abertura de caminhos ou para a prática da agricultura promovendo o arrastamento de detritos e de compostos químicos fertilizantes para o seu interior. Houve ainda casos em que drenaram parte das águas de lagoas para uso na atividade pecuária, ou aterraram-nas com inertes e terra para criar pastagens. Atenda-se a esta exemplar postura municipal da Câmara da Vila da Calheta aprovada em 1645, onde se

condena quem cortasse a vegetação arbórea e arbustiva em redor de corpos de água: “Outrossim ordenaram os mesmos Oficiais que nenhuma pessoa desta jurisdição corte madeira nem rama, nos pastos desta jurisdição, que descubra as águas do chão ou poços ou alagoas aonde possa beber gente ou gado, e isto ainda que seja em terras de seus donos, sob pena da pessoa que cortar a dita madeira e descobrir as ditas águas pagar quinhentos reis para o concelho, pagos da cadeia.”¹

Mesmo aquelas que ainda hoje mantêm água livre todo o ano, e que aparentemente não foram nem estão sujeitas à influência humana, não tem a sua integridade garantida. As suas modestas dimensões tornam-nas em ecossistemas menos resilientes, onde qualquer défice nos índices de precipitação são um risco real, deixando antever, por exemplo, a invasão das suas margens por vegetação terrestre, o que acabará por alterar a sua função ecológica, nomeadamente junto da avifauna migrante. Como referiu Álamio Meneses: “Assim, as lagoas, para além da sua inegável importância ecológica como habitat para muitas espécies que de outra forma não poderiam existir nestas ilhas, estão também ligadas à nossa cultura e às nossas tradições. O seu desaparecimento, no caso da Terceira, infelizmente em boa parte já consumado, é assim uma dupla perda que não creio que o futuro nos perdoe. É pena que passemos à história como a geração que destruiu as lagoas, e, no processo, extinguiu algumas das nossas mais interessantes espécies e eliminou alguns dos pontos mais marcantes da nossa paisagem...”²

De facto, o *cenário* nem sempre foi este. Tempos houve em que as pitorescas lagoas da ilha eram em maior número, de maiores dimensões e mantinham a sua formosura e integridade. Mas ainda assim eram, salvo honrosas exceções, pouco conhecidas e apreciadas. Como refere Nemésio em 1955: “Assim como quem mora à borda da catarata não a ouve, o montanhês mal aprecia a montanha e o praiense a beira-mar.”³ De facto o pouco apreço pela beleza da paisagem natural, numa altura em que a natureza era vista como fonte de recursos essenciais e não para deleite ou prazer, foi talvez a razão pela qual algumas das pequenas lagoas da ilha Terceira eram conhecidas apenas pelos homens que ao mato se dirigiam para cuidar do gado, caçar ou recolher lenhas, passando despercebidas aos olhos do terceirense comum.

As primeiras referências históricas às lagoas da ilha Terceira surgem com Gaspar Frutuoso no século XVI, embora sem a elas se referir pelo nome. É mais prolífero nas palavras que deixa quanto às descrições dos pauis que existiam junto ao litoral da ilha Terceira, onde a água do mar se mistura com a água doce, mas que na realidade são ecossistemas distintos dos das lagoas.

1 José Guilherme Reis Leite e Manuel Augusto de Faria (coord.) (2008) - *Posturas Camarárias dos Açores*. Tomo II, pp. 549-550.

2 J. G. Meneses - *In Memoriam Lagoa do Ginjal*. Jornal “Diário Insular” de 1/2 de outubro de 1994.

3 Vitorino Nemésio (1956) – *Corsário das Ilhas*. Livraria Bertrand, pp. 198 e 241.

Cita o *Paul da Praia* à época o maior de todos, o *Paul do Belo Jardim* que está confinado hoje a uma pequena área e por fim a *Alagoa do Pamplona* que mais tarde veio a ser chamada de *Alagoa da Fajazinha* e que já no tempo de Frutuoso começava a ficar com pouca água e “atupida de terra”, tendo hoje desaparecido por completo o espelho de água que possuía.

Os cronistas que se seguiram no século XVII pouco mais adiantaram. Frei Diogo das Chagas refere apenas “um grande tanque a modo de lagoa”⁴ que existia abaixo da Fonte na Vila de S. Sebastião a que o povo chamava de Tanque das Patas, e Maldonado menciona apenas a *alagoa* que a tradição antiga dizia existir aquando do povoamento de Angra, onde hoje é a Praça Velha.⁵ No século XVIII nada surge de novo.

Escrevia o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade em 1843: “Assim nesta riqueza de excelentes águas, não só a ilha Terceira excede a todas as outras ilhas suas circunvizinhas; mas ainda com suas lagoas não apresenta quadros menos agradáveis e aprazíveis”. Mesmo Francisco Ferreira Drummond nos seus escritos, também por meados do século XIX, referia apenas a existência da Lagoa do Ginjal e da Lagoa do Negro, acrescentando que “outras alagoas há em diferentes partes que não merecem particular menção.”⁶

Na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899, levantada pelo Instituto Geográfico e Cadastral, estão representadas graficamente muitas pequenas lagoas embora sem indicar os nomes. Só no maciço do Pico Alto estão mais de duas dezenas nas várias depressões que esta região apresenta. Esta carta acaba por apresentar informação preciosa para este trabalho, uma vez que hoje conseguimos identificar perfeitamente esses sítios, muitos deles transformados em turfeiras.

No século XX Luís da Silva Ribeiro refere que “No centro montanhoso abundam os picos e as serras, as crateras de vulcões extintos (caldeiras) cobertas de vegetação, algumas com lagoas no fundo”, sem indicar no entanto quais sejam, acrescentando ainda: “Nas criações e pastagens há geralmente charcos onde o gado bebe; mas a maioria deles seca na força do verão, e é assim preciso levá-lo a beber às lagoas ou charcos mais no interior onde a água se conserva todo o ano, o que é às vezes fatigante por ficarem a grande distância”⁷, uma realidade que era observada quer no interior da Caldeira dos Cinco Picos, quer também na Caldeira do Guilherme Moniz.

Na década de 40 era já costume os jovens escuteiros e os da Mocidade Portuguesa irem aos domingos passear pelos “matos” do interior da ilha, nomeadamente à Lagoa do Ginjal,⁸ o que vem refletido no *Guia Turístico da Ilha Terceira* de 1956 que recomenda aos leitores um passeio com passagem pelas Furnas do Enxofre, Lagoinhas (do Pico do Boi) e Lagoa do Ginjal, aludin-

do também à Lagoa do Negro. Refere ainda que nestas três lagoas o turista podia praticar pesca desportiva. Apesar da Lagoa do Ginjal e da Lagoa do Negro serem aquelas onde a população ia para apanhar peixinhos (*Carassius auratus*) para levar para os tanques dos jardins particulares e cisternas, referi-las como locais para pesca desportiva não deixa de ser uma publicidade enganadora.⁹

Na carta militar de 1959 dos Serviços Cartográficos do Exército e na de 1965 do Instituto Geográfico e Cadastral são sinalizadas novas lagoas. Assinale-se, no entanto, o facto dos mais antigos registos que descobrimos sobre a **Lagoinha, Lagoa Funda, Lagoa do Alpanaque e Lagoa do Pinheiro** serem fotos e referências dos Montanheiros, guardadas no seu arquivo, que datam das primeiras expedições que estes realizaram pelo interior da ilha a partir de 1963. Pela mão dos Montanheiros, principalmente com as caminhadas em natureza que organizaram a partir da década de 80, foi possível dar a conhecer pela primeira vez a muitas pessoas um conjunto de lagoas que até então se escondiam aos olhos de quase todos.

É referido que as lagoas da ilha Terceira em 1900 ocupavam 40.000 m² de área total, e que no ano 2000 esse valor baixara para os 10.000 m².¹⁰ São dados que estão em linha com a evolução negativa que temos observado. Algumas lagoas desapareceram por completo, enquanto outras agonizam numa incerteza quanto ao seu futuro. Subsistem para nos assombrar a consciência e nos lembrar a imoralidade que é destruir património que nos foi legado pela natureza e usufruído de forma sustentável pelos nossos antepassados.

A terminar esta introdução, refira-se que também há lagoas que surgiram depois do povoamento da ilha, como aquelas que se desenvolveram devido às condicionantes orográficas resultantes das escoadas da erupção histórica de 1761. É o caso da Lagoa do Narião devido às lavas do Pico Vermelho, como adiante se desenvolverá.

4 Frei Diogo das Chagas (1989) - *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. DRAC, p. 230.

5 Manuel Maldonado (1990) - *Fénix Angrense*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. II, p. 333.

6 Francisco Ferreira Drummond (1990) - *Apontamentos Topográficos, Políticos, Cíveis e Eclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 128.

7 Luís da Silva Ribeiro (1982) - *Obras I – Etnografia Açoriana*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp. 293 e 796.

8 Jornal “Diário Insular” de 1 de abril de 1948.

9 Armando Ávila (1956) *Guia Turístico da Ilha Terceira*. Tipografia Angrense, p. 241.

10 Carmen Silva (2010) - *Análise da Evolução da Ocupação e Uso do Solo no Concelho de Angra do Heroísmo*, pp. 39-40. (fonte DROTRH).

LAGOA DO JUNCO

FREGUESIA DE SANTA CRUZ; COORDENADAS 489387 E 4284513 N; ALTITUDE 320 M; ÁREA MÁXIMA 20810 M².



Talvez fruto da forma como progrediu a ocupação humana das terras do interior vemos mencionado por Gaspar Frutuoso no século XVI apenas as lagoas que existiam na planície dos Cinco Picos, a que chamava de Paul: “[...] porque das águas dela e das que correm da serra se fazem grandes alagoas, que duram, algumas delas, todo o estio, sem se esgotar nem secar, onde vão beber os gados [...]”. Ainda hoje, após as fortes chuvadas do Inverno, as águas acumulam-se na superfície das pastagens que se encontram no interior da Caldeira dos Cinco Picos, formando inúmeros charcos temporários nas partes depressionárias dos terrenos, perdurando alguns deles por dias ou semanas, como é o caso do Charco do Pasto das Covas, que estando perto da Lagoa do Junco chega a fundir-se com esta em anos de grande pluviosidade.

Na base da encosta interior da Serra do Cume encontra-se o maior deles todos, denominado de Lagoa do Junco (ou Lagoa do Paul), identificada já na Carta Corográfica da ilha Terceira de 1899. Poderá ter sido em tempos uma lagoa

permanente mas hoje a sua área reduz-se rapidamente devido à sua pouca profundidade e por ser muito influenciada pela atividade agrícola que se desenvolve em seu redor. Se nalguns anos chega a ter um espelho de água de dimensões apreciáveis, podendo atingir mais de 20.000 m² e instalando-se em vários cerrados junto a um caminho rural, não deixa de ser um charco sazonal, de que ficam apenas vestígios no final do verão. Apesar do desaparecimento da água, algumas espécies de plantas típicas de zonas húmidas mantêm-se presentes no local durante todo o ano, como o *Potamogeton polygonifolius*, a *Callitriche stagnalis* ou o *Juncus effusus* que parece ter dado o nome à lagoa, mas que, curiosamente, se encontra em pouca quantidade.

Começou a ser mais conhecida e procurada pelos *birdwatchers* de há uns anos a esta parte, devido à regularidade e frequência de registos de aves nesta lagoa e nos charcos nas imediações, apesar dos distúrbios provocados pela atividade agropecuária que aqui se desenvolve. É extensa a lista de avistamentos: garça-real, garça-branca-pequena, perna-verde, narceja-comum, gaivota-de-patas-amarelas, guincho-comum, pombo-das-rochas, pombo-torcaz dos Açores, lavandeira, pardal-comum, piadeira, marrequinha, milhafre, abibe, combatente, maçarico-de-bico-direito, codorniz dos Açores, galinha-d'água, melro, vinagreira, toutinegra dos Açores, estorninho dos Açores, canário-da-terra, pintassilgo, tentilhão dos Açores, garça-branca-grande-americana, carraceiro, íbis-preta, tarambola-dourada, ganso-de-bico-curto, arrábio, peneireiro-comum, falcão-peregrino, pilrito-de-colete, pilrito de Bonaparte, perna-amarela-pequena, perna-amarela-grande, perna-vermelha-escuro, maçarico-de-dorso-malhado, narceja de Wilson, gaivota-prateada-americana, laverca, tordo-zornal.¹¹

LAGOA DO GINJAL

FREGUESIA DO PORTO JUDEU; COORDENADAS 486248 E 4282980 N; ALTITUDE 380 M; ÁREA MÁXIMA 9840 M².



A Lagoa do Ginjal está localizada na confluência de três picos, recebendo a água da chuva que escorre pelas encostas de três pequenas elevações: o Pico do Ginjal (a oeste), o Pico do António Homem (a este) e o Pico da Lagoa (a sul). Um estudo dos sedimentos que se encontram no fundo desta lagoa, publicado em 2021 por investigadores ligados à Universidade dos Açores, apontam o ano de 1420 (± 20) CE como aquele em que surgem as “primeiras evidências inequívocas de atividade humana” no local, um estudo que suscitou algum debate público aquando da sua publicação.¹² Havendo ou não presença humana na ilha em data tão recuada, esta foi, sem qualquer dúvida, uma das primeiras lagoas a serem conhecida pelos primeiros povoadores.

Em Frutuoso vemos a referência a uma lagoa que, apesar de não lhe atribuir nome, julgamos ser a do Ginjal: “[...] o maior e mais alto destes cinco picos tem no cume uma concavidade em que faz uma alagoa de grandura de um alqueire de terra, onde vai no verão beber o gado, sem nunca secar”.¹³ Certamente que Frutuoso não se refere à pequena lagoa que existe na cratera do Pico do Malhão, que poderemos entender como o maior de todos os picos das redondezas, mas que seca no verão e cujo acesso não é prático. Referia-se certamente à Lagoa do Ginjal a menos de 500 metros desta, com dimensão máxima superior à referida por Frutuoso e com um acesso indiscutivelmente melhor para servir de bebedouro ao gado. O entendimento completo desta questão passa por perceber quais são os “Cinco Picos” que Frutuoso refere para esta caldeira e que a Carta Geológica da Ilha Terceira de 1971 eternizou como o “Complexo Desmantelado dos Cinco Picos”. Isso, porque apesar de ser possível contar mais do que cinco picos, visto de longe, o conjunto elevações que rodeiam a Lagoa do Ginjal (incluindo o Pico do Malhão) poderão ter parecido e terem sido entendidos como um único pico.

A Lagoa do Ginjal volta a ser referida, desta vez por Emiliano de Andrade em 1843, mas agora sem quaisquer dúvidas: “A Lagoa do Ginjal

junto ao Pico do Vime é a maior, a mais frequentada e a única que nunca seca. Conterá quatro a cinco alqueires de terreno. Ali no verão concorre a mocidade angrense à pesca dos peixes de água doce que ela cria, e de que se abastecem os tanques dos jardins particulares. Seria um dos lugares de maior recreio da ilha se suas margens fossem assombradas de arvoredos. A incúria dos proprietários daqueles campos tem privado o público deste gozo, e a si mesmo do grande produto que lhe poderia provir das suas madeiras.”¹⁴ Logo depois refere Drummond: “Alagoa do Ginjal – Acha-se no concelho de São Sebastião a mais de uma légua para o centro da ilha, entre dois picos dos cinco que lhe ficam adjacentes no Paul. Conserva-se de verão para socorro dos gados que de longe vão beber a ela: tem peixe que serve ao divertimento da mocidade em dias apazíveis.”¹⁵

Esta que era a lagoa permanente mais próxima de Angra e de mais fácil acesso, rapidamente se tornou num local de recreio da população angrense, muito conhecido e falado, onde alguns vinham fazer piqueniques e passar algum tempo junto dela e outros simplesmente passavam por aqui com o propósito de a conhecer ou de a contemplar, como o mostra este anúncio de 1927: “No próximo domingo, 24, o Sporting Club da Terceira promove uma excursão à Furna d’Água e Lagoa do Ginjal, sendo a partida às 6 horas

12 Pedro M. Raposeiro et al. (2021) - *Climate change facilitated the early colonization of the Azores Archipelago during medieval times*. PNAS, vol. 118, nº 41.

13 Gaspar Frutuoso (1963) - *Saudades da Terra*. Livro VI, p. 49.

14 Jerónimo Emiliano de Andrade (1843) - *Topographia, ou Descrição Physica, Política, Civil, Ecclesiástica, e Histórica da Ilha Terceira dos Açores*. Parte primeira, p. 19-20.

15 Francisco Ferreira Drummond (1990) - *Apontamentos Topográficos, Políticos, Cíveis e Ecclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 128.



da manhã, da sede do mesmo club”¹⁶, ou este outro no ano seguinte: “O Sporting Club promove para amanhã a terceira excursão do corrente ano. [...] O passeio é para a Lagoa do Ginjal, devendo os excursionistas regressar à cidade pelas 13 horas, afim de poderem assistir à tourada que nesse dia o Lusitânia Sport Club realiza na praça de S. João”.¹⁷ Em meados do século XX também a ela se refere Luís da Silva Ribeiro, avançando uma hipótese para o seu nome: “Lagoa do Ginjal, provavelmente provirá de alcunha ou apelido de alguma pessoa. O sr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, pág. 262, menciona Ginja como apelido”.¹⁸ Na realidade nunca foi avistada nem é provável que tenha existido qualquer ginjeira-brava (espécie endémica dos Açores) nas imediações desta lagoa, que justificasse o seu nome. Inclinamo-nos mais para a possibilidade de ser a alcunha de quem era dono ou explorava as terras deste local, mas não passa de uma hipótese.

Recuando um pouco no tempo e avançando para o surreal, vemos que é em 1848, na poesia de Francisco Jerónimo da Silva à ilha Terceira, que primeiro é referida uma lenda sobre a Lagoa do Ginjal: É tão rica a tua face | De passagens brilhantes, | Que é de crer que em ti d’antes | Alguma fada morasse: | E talvez alguém sonhasse, | Que esse lago tão falado, | Do Ginjal hoje chamado, | Fosse o mesmo que algum dia | Da linda Fada cingia | O palácio ora encantado.¹⁹ Em 1907 na obra de Ferreira Deusdado ficamos a



conhecer melhor este conto que nos fala de Pérola, uma bela jovem aprisionada por uma fada num palácio encantado, no lugar onde está a Lagoa do Ginjal: “Aqui no espaçoso lago se escondeu o palácio da linda Pérola, donzela de cabelos louros.”²⁰ Como se vê também em Vasco Pereira da Costa, que em 1987 diz: “Enfim, aqui, nesta ilha Terceira, desde crianças que nos convencemos de que o eixo da Terra passa a meio da Lagoa do Ginjal e que o Nilo desagua no chafariz do Alto das Covas”²¹, para a população local esta era de facto uma lagoa importante, em torno da qual eram construídas lendas e escritos, perpetuando-a no quotidiano dos terceirenses.

Nas últimas décadas sofreu vários atentados à sua integridade, sendo hoje uma pobre lembrança dos seus tempos áureos. As obras do Instituto Regional de Ordenamento Agrário em 1993 no caminho que passa junto desta lagoa, a construção de uma casa de ordenha a 90 metros que retirava água desta lagoa para uso nessas instalações, a mobilização com tratores dos terrenos adjacentes, o assoreamento provocado pelo arrastamento de inertes para a lagoa, a distribuição de chorume nas pastagens envolvidas com parte dos lixiviados a irem parar à lagoa promovendo um indesejável aumento de nutrientes disponíveis, tudo isso contribuiu para o crescimento da flora aquática e o surgimento de pequenas ilhas no meio da lagoa devido ao excesso de detritos acumulados no seu leito.

Apesar dos repetidos alertas do passado, publicados em órgãos de comunicação social, acabou transformada numa pálida imagem de outros tempos. Por várias vezes os Montanheiros chamaram a atenção para o facto de a Lagoa do Ginjal estar a desaparecer. Em 1994 secou por completo, altura em que Álamo Meneses denuncia publicamente o “desaparecimento total daquela que era a maior lagoa terceirense”.²² De então para cá vários responsáveis ligados ao Governo Regional e à autarquia angrense manifestaram a necessidade de uma intervenção que ajudasse a recuperar a lagoa.²³ Nessas três décadas registou-se alguma reposição natural do volume de água, porque se deixou de bombear água e no inverno há sempre alguma que continua a es-

16 Jornal “A União” de 22 de julho de 1927.

17 Jornal “A Cidade” de 11 de agosto de 1928.

18 Luís da Silva Ribeiro (1983) – *Obras II. História*. IHIT, p. 115

19 Francisco Jerónimo da Silva (1848) – *A Terceira ou o ausente visitando a terra natal*.

20 Ferreira Deusdado (1907) – *Quadros Açoricos. Lendas Chronographicas*. pp. 33-41.

21 Vasco Pereira da Costa (2024) - *Os Contos*. Letras Lavadas edições, p. 207

22 Jornal “Diário Insular” de 2 de outubro de 1994.

23 Jornais “Diário Insular” de 7 de abril e 18 de agosto de 2011 e de 29 de janeiro de 2022.

correr para o seu interior. Mas nunca ocorreu a desejada intervenção pública, que desassoreasse a lagoa e regulasse a atividade agrícola nos terrenos adjacentes de forma a repor a função ecológica que em tempos teve, voltando a receber aves e pessoas como no passado.

Hoje, com muito menos profundidade, está transformada num charco quase completamente coberto por uma densa população de *Potamogeton polygonifolius*, à qual se junta a *Callitriche stagnalis*, o *Juncus effusus* e outras espécies comuns de zonas húmidas. Meia dúzia de urzes dispersas pelas margens foram testemunhando esse processo de degradação. Ainda assim, é tida como um importante *spot* para observação de aves, e um dos locais de visita obriga-

tória de *birdwatchers* em busca de raridades. É indicada como ponto de paragem para diversas aves migratórias e espécies residentes: garça-real, garça-branca-pequena, galinha-d'água dos Açores, gaivota-de-patas-amarelas, pombo-torcaz dos Açores, lavandeira, estorninho dos Açores, pardal, milhafre, galeirão-comum, narceja-comum, combatente, pombo-das-rochas, melro, toutinegra dos Açores, vinagreira, canário-da-terra, tentilhão dos Açores, além de avistamentos mais raros como a: negrinha, íbis-preta, falcão-de-pés-vermelhos, pilrito-de-colete, pilrito-rasteirinho, perna-amarela-pequena, perna-vermelha-bastardo, maçarico-de-dorso-malhado, maçarico-solitário, narceja de Wilson.²⁴

LAGOA DA ACHADA

FREGUESIA DE SÃO BENTO; COORDENADAS 483934 E 4281659 N; ALTITUDE 320 M; ÁREA MÁXIMA 12106 M².



A Lagoa da Achada localizava-se onde hoje existe um terreno baixo, a norte do início do caminho que dá acesso ao Aterro Sanitário Intermunicipal da Ilha Terceira. Até aos finais do séc. XIX esta lagoa de carácter temporário dependia exclusivamente das chuvas mais intensas que caíam. Recebia as águas que escorriam dos terrenos circundantes e aquelas que chegavam de longe trazidas por uma linha de água natural denominada de Rego da Achada. Essa pequena grot, que tem atualmente o seu início junto à estrada que leva à Estação de Tratamento de Águas da Furna d'Água, recebe as águas que aqui chegam descendo a encosta da Serra do Morião em direção à Via Rápida, passando por baixo desta via na parte mais a sul da Mata da Esperança, e seguindo junto ao parque industrial até desaguar na lagoa. Ainda hoje a água, em muito menor quantidade e com muitos *atropelos*, tenta fazer esse percurso.

Terá sido depois de captada a água das nascentes subterrâneas da Furna d'Água, por volta dos anos de 1870, que a Lagoa da Achada terá ganhado outra importância junto daqueles que tinham de dar de beber aos animais. A captação e condução da água desta fuma para Angra gerou um considerável volume de sobras que não sendo aproveitadas eram encaminhadas pelo Rego



da Achada até à lagoa. Claro que muita dessa água se perdia nesse percurso. Em 1884 a Câmara pensava já em construir um tanque grande para o gado, junto da Lagoa da Achada²⁵ e em 1888 comprometia-se em construir um encanamento até à lagoa “caso se faça preciso por escassez de água”. Mas, quer o tanque quer o encanamento terão surgido apenas uns anos mais tarde.²⁶

Por volta de 1891 as águas da Furna d'Água começaram a ser cada vez mais repartidas e consumidas, pelo que no verão já não produzia o “suficiente para os indivíduos que têm direito a recebê-la, para os chafarizes públicos que dela se abastecem e para alimentar a Lagoa da Achada [...]”.²⁷ Ainda assim, em julho de 1896 a Câ-

24 <https://avesdosazores.wordpress.com/onde-observar/terceira/lagoa-do-ginjal/>

25 Acórdão da CMAH de 9 de julho de 1884.

26 Acórdão da CMAH de 15 de fevereiro de 1888.

27 Acórdão da CMAH de 22 de abril de 1891.

mara Municipal aceitou ceder 6 palhas de água aos povos do Cabo da Praia e Fonte do Bastardo que careciam deste precioso líquido, desde que fosse retirada daquela que abastecia a Lagoa da Achada e que dava de beber a grande quantidade de gado, desde que as Obras Públicas assumissem a conservação do rego aberto no terreno por onde passavam as sobras das nascentes da Furna de Água até esta lagoa “em ordem a que nunca possa escassear ali água por extravio na sua condução”.²⁸

Em outubro de 1896 a Câmara Municipal decidiu construir um aqueduto que levasse a água até à Lagoa da Achada e bebedouros de gado circunvizinhos, pois continuando a água a escoar pelo leito do Rego da Achada perdia-se boa parte da água nesse percurso.²⁹ Uma notícia de 1905 indica que este problema estaria já resolvido: “A Lagoa da Achada é atualmente abastecida por uma quantidade de água não inferior a 26 palhas, das quais três partes se perdem no percurso por um simples rego aberto no terreno, e chega ali inquinada de todas as imundices que atravessa sem o menor resguardo. De modo que a água da lagoa, principalmente no verão, é infecta e por isso imprópria para uso do gado daquela região, que todo ali vai beber. O nosso ilustre amigo sr. Elias Pinto, atendendo a este pouco higiénico estado de coisas, resolveu construir três tanques desde a entrada do Biscoito da Achada até à lagoa do mesmo nome, canalizando para eles 4 palhas de água que são suficientes para os ali-

mentar em qualquer estação. Deste importante melhoramento resulta não só o gado poder beber uma água limpa, mas o aproveitamento para a Câmara de 22 palhas que estavam completamente perdidas. Foi um excelente serviço que o ilustre vereador prestou e que dá a nota do interesse que S. Ex^a dedica ao importante ramo da administração municipal que lhe está confiado.”³⁰ De facto ainda hoje vemos junto à lagoa um tanque comprido em cantaria que poderá datar dessa altura. No entanto, hoje não se consegue perceber a forma como o precioso líquido vinha da Furna d'Água até aqui, embora o mais lógico seja pensar-se que derivava das arquinhas colocadas junto ao chafariz e tanque que estão no lado norte da Via Rápida, perto da antiga *Povoação das Achadas*, e que o “aqueduto” possa ter sido uma canalização em tubo.

Por volta dos anos 50 do século XX as sobras da Furna d'Água começaram a ser encaminhadas para o tanque de regularização das águas do Morião, que abastecia as centrais mini-hídricas. Certamente que a partir dessa data se chegava alguma água de nascente à lagoa era apenas a que seguia canalizada para o bebedouro do gado que lá existia.

No passado chegou a atingir mais de 12000 m² de água livre, e num certo período da sua existência é provável que se mantivesse todo o ano com água. Hoje apenas nalguns raros invernos mais chuvosos podemos avaliar aquilo que terá sido esta Lagoa da Achada.

LAGOINHA

FREGUESIA DA SERRETA; COORDENADAS 472222E 4289043N; ALTITUDE 768 M; ÁREA MÁXIMA 3785 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.



Até surgir um trilho aberto pelos Montanheiros, que foi depois utilizado para se estabelecer e sinalizar um percurso pedestre oficial da região, era grande a dificuldade em chegar ao cimo do Pico da Lagoinha, um pequeno cone vulcânico cravado no flanco ocidental da Serra de Santa Bárbara, a uma cota elevada. Em sítio que não seria sujeito a qualquer tipo de atividade humana regular ou esporádica, alguém terá dado num passado remoto esse nome ao pico por saber que na sua cratera estava uma lagoa. Como consequência o Pico da Lagoinha foi surgindo em cartas como topónimo, mas sem a representação gráfica de uma lagoa no seu interior, como por exemplo na carta de 1899, na de 1959, e mesmo na do Instituto Geográfico e Cadastral de 1965.

Esta lagoa terá permanecido desconhecida para a população em geral até bastante tarde. O local foi visitado pelos Montanheiros antes de 1978 numa ocasião em que procuravam um algar no Pico da Lagoinha, mas terá sido com as suas caminhadas, abertas ao público na segunda metade da década de 1980, que a população começou a tomar conhecimento da sua existência.

28 Acórdão da CMAH, de 22 de julho de 1896.

29 Acórdão da CMAH, de 14 de outubro de 1896.

31 Jornal “O Dia” de 15 de fevereiro de 1905.



Por estar instalada na encosta ocidental da Serra de Santa Bárbara beneficia da chegada das massas de ar húmido de oeste e de uma exuberante floresta laurissilva envolvente que cobre algumas comunidades de *sphagnum*, o que ajuda a reter e controlar as águas que alimentam a lagoa. Uma pluviosidade considerável, uma precipitação oculta elevada devido a nevoeiros que também ajudam a retardar a evaporação garantem o seu abastecimento em água, uma vez que a maior parte daquela que escorre da encos-

ta adjacente é desviada para os afluentes da Ribeira da Lapa que ladeiam a lagoa, escapando-lhe. Ainda assim, das pequenas lagoas da ilha Terceira é das mais bem preservadas e enquadradas na paisagem natural. É também uma das duas que possuem *Isoëtes azorica*, um raro feto aquático endémico dos Açores.

Atualmente é visitada por turistas e residentes que fazem o percurso pedestre *PRC03 TER – Serreta*.

LAGOA DO PINHEIRO

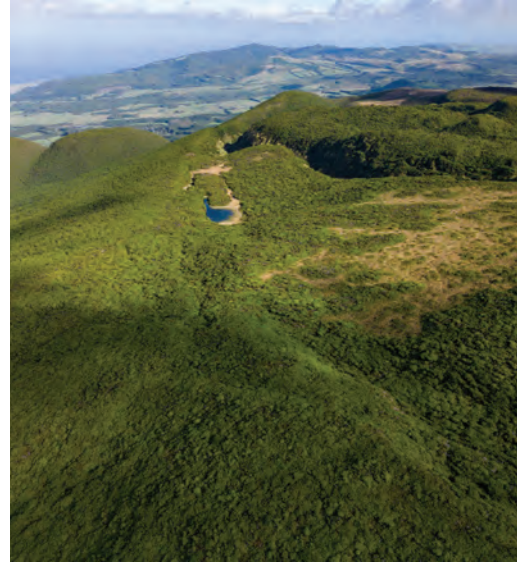
FREGUESIAS DO RAMINHO E ALTARES; COORDENADAS 472215 E 4288816 N; ALTITUDE 903 M; ÁREA MÁXIMA 2540 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.

Chega-se à Lagoa do Pinheiro subindo um caminho florestal, uma pastagem de altitude e por fim um atalho no meio da vegetação natural no lugar do Outeiro dos Fetos.

É também conhecida por *Lagoa Alta* por ser de todas aquela que está à cota altimétrica mais elevada. Encontra-se na encosta exterior da Serra de Santa Bárbara quase junto ao bordo da caldeira, numa depressão ampla, mas pouco profunda, que associada a orografia envolvente resulta numa grande variação da lâmina de água livre que apresenta, bastante maior de inverno que no verão, o que faz com que uma parte significativa do seu leito seja uma bordadura revestida de vegetação herbácea, típica de zonas húmidas. No futuro é provável que a floresta natural continue a avançar para o interior e a tomar conta das suas margens reduzindo-a cada vez mais. A infiltração das suas águas ajuda a regularizar o fluxo que corre na *Nascente das Caldeirinhas* que lhe está próxima.

Até à data presente a Lagoa do Pinheiro nunca foi representada em nenhuma carta oficial portuguesa.





LAGOA NEGRA

FREGUESIA DOS ALTARES; COORDENADAS 471855 E 4288357 N; ALTITUDE 830 M; ÁREA MÁXIMA 5575 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.



Encontra-se na parte ocidental da Caldeira da Serra de Santa Bárbara, no fundo do maior dos grandes vales que aí existem, batizado pelos Montanheiros por Vale dos Leões não por ter sido avistado um desses felinos por estes lados, mas porque estava revestido por um prado natural onde a *festuca jubata* e outras espécies herbáceas formavam tufos que se assemelhavam a júbas de leão. Hoje o prado está fortemente recolonizado por cedro-do-mato dando menos ideia.

A lagoa é formada por um grande espelho de água de pouca profundidade, que reflete as íngremes paredes do bordo interior da caldeira e deste grande vale. Apesar de receber águas de uma grande bacia, inclusivamente com riachos que as encaminham até ela, a área desta lagoa acaba por estar bastante reduzida no final do verão, contribuindo para tal não só a evaporação, mas também infiltrações em profundidade num leito que surgiu devido às derrocadas de grandes blocos de vertente e acumulação de sedimentos para aqui arrastados.

Sem termos encontrado anteriormente qualquer referência a esta lagoa, ela surge representada graficamente pela primeira vez na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899. Foi visitada aquando de passeios organizados pelos Montanheiros ou por outros grupos com interesses recreativos ou científicos, mas sempre muito esporadicamente. Foi interditado o acesso a esta lagoa porque toda a caldeira foi classificada como reserva integral, pelo que hoje as pessoas tomam conhecimento da sua existência e da existência da Lagoa Funda através de fotografias e filmes que estão disponíveis para visualização na internet.³¹

31 Veja-se como exemplo o site: <https://museualtares.pt/vulcoes/video.html>



LAGOA FUNDA

FREGUESIA DOS ALTARES; COORDENADAS 472404 E 4287608 N; ALTITUDE 820 M; ÁREA MÁXIMA 1435 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.



O nome de Lagoa Funda não advém da sua profundidade, mas do facto de estar junto à base da escarpa da Caldeira da Serra de Santa Bárbara, sendo avistada a mais de 170 m de profundidade a partir do topo, por quem percorre o Atalho dos Cabreiros. Começou a ser chamada de Lagoa Joaquina, mas é um nome que não deverá ser utilizado, pois teve origem numa informação pouco credível.

É uma das lagoas da ilha em melhor estado ecológico, apesar de não ser de grandes dimensões. O nível das suas águas é um dos mais estáveis ao longo do ano e, tal como a Lagoa Negra só muito esporadicamente é visitada pelo Homem, não só por estarem dentro de uma reserva integral, mas por serem as lagoas que ficam em locais mais remotos, cujo acesso está a tornar-se praticamente impossível devido à di-



ficuldade do terreno e ao crescimento da vegetação que fecha os antigos acessos.

É habitat da espécie endémica *Isoëtes azorica*, um raro feto aquático presente em apenas duas pequenas lagoas oligotróficas da ilha. Curiosamente junto desta lagoa cresce há muitos anos uma macieira, bastante subdesenvolvida para a idade e que provavelmente nunca frutificará, talvez um vestígio da paragem de alguém que noutros tempos aqui almoçou. No âmbito da *Expedição Científica Terceira 94*, organizada pelo Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, efetuaram-se recolhas de água em quatro lagoas da Ilha Terceira com o objetivo de conhecer a sua flora algológica. Esta foi uma delas, sendo as outras: as Lagoinhas do Pico do Boi, Lagoa da Falca e Lagoa do Negro.

LAGOA DO CERRO

FREGUESIA DOS ALTARES; COORDENADAS 475437 E 4289581 N; ALTITUDE 465 M; ÁREA MÁXIMA 1570 M².

De contornos circulares esta lagoa tornou-se mais conhecida nos últimos tempos, por ser local de passagem de dois trilhos pedestres, facto que levou a terem sido instaladas algumas estruturas no local, nomeadamente passadiços desde o caminho florestal até à lagoa.

Para quem visita a Lagoa do Cerro, pode fazer alguma confusão encontrá-la sempre com água, porque a sua recarga parece depender da água que escorre superficialmente de umas pastagens a montante, aparentemente insuficientes para tal. Mas a seu favor tem o facto desta lagoa ter sido intervencionada no passado, o que faz com que perca pouca água por infiltração. Neste lugar havia antes apenas um charco. Em 1954-



55 os Serviços Agrícolas necessitavam de água para abastecer o gado que no verão pastoreava nas terras da Queimada, e que encontravam na falta deste recurso uma limitação ao desenvolvimento das explorações. Foi então que o Eng. Carvão, técnico destes serviços, avançou com a ideia de transformar o antigo charco numa lagoa/reservatório. Embora havendo máquinas que pudessem ter facilitado a tarefa, não quis correr o risco de causar danos irreparáveis ao fundo, tendo recorrido apenas a trabalho manual. Os homens começaram por retirar do interior da lagoa o material *mole* que se encontrava depositado no

fundo, um misto de resíduos orgânicos com lamas e inertes, afundando gradualmente a lagoa até encontrar um fundo consistente, que terá sido depois compactado. Foi colocada a tubagem começando então água a fluir até à zona da queimada de baixo, onde hoje estão as lagoas artificiais dos Altares.

Paulo Mendonça, técnico da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e membro da direção dos Montanheiros, desenhou o abrigo para observação de aves que a autarquia angrense mandou edificar junto à Lagoa do Cerro em fevereiro de 2020.

LAGOINHAS DO VALE FUNDO

FREGUESIA DOS ALTARES; COORDENADAS 475586E 4287880N / 475516E 4287927N / 475697E 4287827N; ALTITUDE 570 M / 574 M / 568 M; ÁREA MÁXIMA 320 M² / 330 M² / 1100 M²; ESTÁ INCLuíDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.



As Lagoinhas do Vale Fundo ocupam umas depressões que existem junto a um alinhamento de pequenos cones conhecidos por Piquinho do Vale Fundo, ou Picos do Borba por ter sido este um dos seus últimos proprietários. Tanto quanto nos é dado perceber, é provável que existissem já aquando da erupção histórica dos Mistérios Negros de 1761. As lavas que derramaram desta erupção não terão chegado, por pouco, ao local onde se encontram essas lagoinhas. Das três que são conhecidas por Lagoinhas do Vale Fundo apenas uma, a que está a meio, mantém-se sem secar totalmente no verão. As outras duas são hoje uma espécie de prados que se mantêm encharcados e com água livre durante apenas alguns meses. No entanto, hoje as chuvas serão eventualmente menos que no passado e os consumos maiores, tendo em conta as criptomérias que, entretanto, foram plantadas, pelo que no passado também estas duas poderiam manter água livre todo o ano.

Estas lagoas surgem de forma inesperada, ao longo de uma invulgar paisagem vulcânica. Podem ser alcançadas fazendo o percurso pedestre PRC01 TER Mistérios Negros e, como se percebe, têm maior expressão no inverno. Em termos de fauna no local, tem particular relevância a presença de patos que, nas suas rotas migratórias aqui descansam.



LAGOA DA FALCA (OU LAGOA DAS PATAS)

FREGUESIA DE SÃO BARTOLOMEU; COORDENADAS 474954E 4285453N; ALTITUDE 495 M; ÁREA MÁXIMA 3751 M².



A referência mais antiga que encontramos à Lagoa da Falca é de uma reunião de vereação da Câmara de Angra de 14 de março de 1860, que determinava algumas posturas, nomeadamente a proibição de “Deitar pedra nas ribeiras, lavar fatos de animais, alagar linhos nelas, como na lagoa do Pico da Falca.” Esta seria à época uma lagoa provavelmente permanente, rodeada de floresta natural, nas imediações da Ribeira Brava e sem uma estrada de acesso como a que hoje existe. Nessa altura, não é de excluir a possibilidade de a água da ribeira poder entrar diretamente na lagoa, pois em dias de caudal mais forte é possível que transbordasse numa curva que há muito próximo, invadindo-a. Com as arroteias realizadas nos baldios em redor esta lagoa acabou rodeada por um prado seminatural e terá passado por um período em que provavelmente secava nalguns anos, começando a assemelhar-se a um charco temporário. Isso mesmo se pode comprovar pelas fotos antigas que são apresentadas, que datam dos anos 50 e 60 do séc. XX, que mostram já o telheiro que hoje ainda se encontra no

local, construído provavelmente já pela recém criada Administração Florestal. Esta área começou então a ser intervencionada, desde essa altura, para servir como zona de recreio, tendo sido plantada a mata de criptomérias que hoje vemos e delineado os acessos no seu interior. Algum técnico desses serviços teve a feliz ideia de construir uma pequena represa e uma levada para encaminhar as águas da Ribeira Brava, ali ao lado, até à lagoa. Da mesma forma em que se garantia um maior e regular fluxo na entrada de água à lagoa, foi também criado um sistema que devolve o excesso de volta à ribeira, garantindo que nunca invade as suas margens.

Foi primitivamente uma pequena lagoa natural, embora tenha sido depois muito intervencionada e perturbada resultando num ecossistema bastante artificializado. Condiçãoou-se o fluxo de águas, introduziram-se patos domésticos e espécies exóticas aquáticas, plantou-se um bosque de criptomérias e de outras espécies ornamentais arbóreas e arbustivas como as azáleas e hortênsias na envoltória da lagoa, colocaram-se bancos e alguns equipamentos infantis, manteve-se o primitivo telheiro octogonal, construíram-se instalações sanitárias e zonas para merendas e churrascos. Caminhando em volta da lagoa acabamos por encontrar também o acesso à pequena Ermida de Santa Teresa de Lisieux, uma réplica da Ermida de Sto. António do Monte Brasil, que foi mandada edificar pelo último Governador Civil do distrito Teotónio Machado Pires e fundada em 1973, no entanto, por ata da Junta Geral ficamos a saber que a conclusão desta obra terá ocorrido apenas no segundo semestre de 1975.³² A aposta foi, desde o início, fazer desta lagoa um elemento cénico cuja beleza e funcionalidade valorizasse este local para a práti-

32 Ata da reunião da Junta Geral de 25 de maio de 1975.

ca do lazer e da contemplação, por aqueles que aqui se dirigem, o que foi conseguido.

Foi inicialmente e durante muitas décadas conhecida por Lagoa da Falca, por se encontrar junto ao Pico da Falca que se encontra do outro lado da Estrada das Doze. No entanto, nos últimos tempos vulgarizou-se chamar-lhe de Lagoa das Patas, por conta das muitas que se encon-

tram por lá, mantidas pelos Serviços Florestais. Hoje é esse o nome que os promotores ligados ao turismo e os próprios serviços oficiais acabaram por adotar, sendo hoje parte integrante da Reserva Florestal de Recreio da Lagoa das Patas, um espaço simpático e tranquilo, dos mais procurados na ilha.

LAGOA DO NEGRO

FREGUESIA DOS BISCOITOS; COORDENADAS 476628E 4287756N; ALTITUDE 547 M; ÁREA MÁXIMA 2342 M²; ESTÁ INCLuíDA NA RESERVA NATURAL DA SERRA DE SANTA BÁRBARA E DOS MISTÉRIOS NEGROS.

As modestas lagoas terceirenses estimularam no passado a criatividade do povo, que em torno de algumas delas compôs ou adaptou lendas e histórias. Uma lenda popular, contada em mais do que uma versão, refere a paixão entre uma morgada e um seu escravo negro que, perseguido pelo marido, fugiu por montes e vales para o interior da ilha, até finalmente se sentar cansado, a chorar as suas mágoas. Tanto chorou que as suas lágrimas se multiplicaram no chão fazendo nascer uma lagoa à sua frente. Com os cavalos a aproximarem-se e não tendo para onde fugir, atirou-se para dentro das águas escuras onde desapareceu, encontrando a paz e a liberdade que tanto desejava. A lagoa passou a chamar-se Lagoa do Negro, lembrando o sacrifício deste escravo e de um amor impossível.³³ Diz Luís da Silva Ribeiro referindo-se ao uso do topónimo “Negro”: “Nas Constituições do Bispado, bem como nos registos paroquiais e em testamentos, há menção de escravos de África e gente de cor em diferentes épocas”, para depois acrescentar: “... que ninguém hoje sabe quem fosse”.³⁴ Não nos parece que a atribuição do nome a esta lagoa se tenha devido a algum qualquer escravo ou “negro, mas antes à proximidade aos Mistérios Negros, mesmo ali ao lado.

Pela sua fácil acessibilidade e localização era uma lagoa muito conhecida da população que usava os baldios do interior da ilha. As referências mais antigas que encontramos a esta lagoa são de Emiliano de Andrade que a ela se refere como “a Lagoa do Negro defronte das bagacinas”³⁵, ou de Ferreira Drummond que a caracteriza como “situada no centro da ilha, de grande extensão.”³⁶ Drummond refere ainda que no início do século XIX o capitão-general Francisco António de Araújo e Azevedo, que durante o seu governo (1817-1820) tomou medidas em prol do arroteamento das terras incultas, tentou drenar a lagoa para benefício dos campos vizinhos e que “na escavação que mandou fazer achou muitas madeiras de cedro sepultadas, e em tão bom estado que delas fez excelente mobília”.³⁷ Felizmente que tal não aconteceu, mantendo-se a lagoa como um providencial reservatório de água, nesse século e no seguinte, para o gado seco que



33 Ângela Furtado Brum (1999) - “Açores, lendas e outras histórias.” 2ª edição, p. 145.

34 Obras II, p.48 e Obras III, p. 114

35 Jerónimo Emiliano de Andrade (1843) - *Topographia, ou Descrição Physica, Política, Civil, Ecclesiástica, e Histórica da Ilha Terceira dos Açores*. Parte primeira, p. 20.

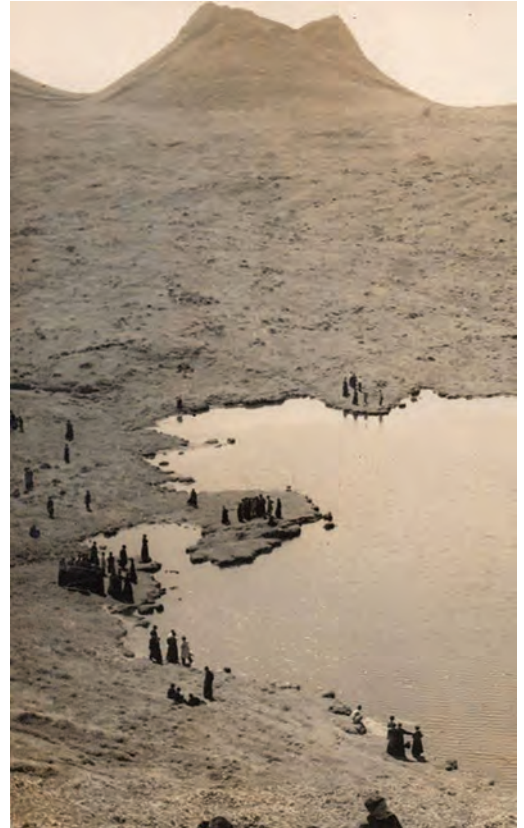
36 Francisco Ferreira Drummond (1990) - *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Ecclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 128.

37 Francisco Ferreira Drummond (1990) - *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Ecclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 128.



pastava nos baldios, como se pode constatar: “Em virtude da enorme seca que houve, esvaziaram-se as cisternas das referidas explorações e os animais eram levados a dessedentarem-se à Lagoa do Negro, cujo nível estava bastante baixo e com água muito turva.”³⁸ Fruto da época, a Junta Geral que mantinha esses baldios via essas lagoas principalmente como uma fonte de água para consumo, para benefício da exploração agrícola e pecuária, como se vê: “Da maioria das folhas em que o “Pau Velho” está dividido, encontram-se lagoas naturais que foram aproveitadas e melhoradas aquando da arroteia desta exploração. Com enxurradas mais violentas os materiais arrastados depositam-se nas lagoas diminuindo-lhes, como é natural, a capacidade útil, pelo que se torna necessária a limpeza dos fundos.”³⁹ Intervenções deste género terão sido responsáveis por danificar as impermes no fundo de algumas lagoas, aproveitadas como reservatórios a céu aberto, nomeadamente após tentativas de as afundar para armazenar maior volume de água, o que terá resultado no efeito oposto.

A Lagoa do Negro tem aquilo a que se chama de *rotos*, buracos localizados geralmente mais próximo das margens e que acabam por funcionar como um *tubo ladrão*: quando a lagoa enche e o nível das águas atinge esse orifício começa a escoar rapidamente para os aquíferos subterrâneos e a lagoa simplesmente não enche mais. Pensamos que no passado estes rotos, caso existissem, seriam de menores dimensões ou estariam tamponados naturalmente. A camada impermeável do fundo da lagoa está sobre um manto rochoso de continuidade irregular e que apresenta fendas e vazios. Um destes vazios por debaixo da lagoa é uma das ramificações (interdita ao público) da Gruta do Natal, que apresenta colapsos que não seriam tão expressivos no passado, segundo lembram alguns Montanheiros.



No lado oeste da lagoa existe um *roto* onde há poucos anos se ouvia perfeitamente a água a cair por entre as ervas, sobre as rochas subterrâneas.

Durante o século XX a Lagoa do Negro foi sendo visitada pela população, conforme o mostram as várias referências encontradas. Alunos do Seminário Episcopal acompanhados pelo então pe. Gil Mendonça e muitos outros do Liceu Nacional de Angra passavam por aqui nas excursões que realizavam pela ilha incluídas nas suas atividades escolares como aconteceu no ano letivo de 1949/50. Continuava no entanto a ser bastante desconhecida da população, como refere Vitorino Nemésio que a visitou em 1955 guiado por Zé da Lata: “Com cerca de vinte anos de raiz na ilha Terceira, eu nem ouvira sequer falar na Lagoa do Negro, quanto mais enxergá-la! E, contudo, embora aqui levasse uma meninice sedentária, algumas vezes passara pela estrada central, do sul ao norte da ilha, onde, a uns dois terços do caminho de Angra aos Biscoitos, por uma leve ruga aberta entre os Picos Gordos, se alcança esse magnífico bebedoiro e banheira do gado seco da ilha. [...] É em plena zona baldia, junto das criações do Patalugo e do Chama, escondidas da estrada nacional pela dobra dos Picos Gordos, que se abre aos olhos do pastor ou do caçador de galinhas a Lagoa do Negro, na ilha Terceira. [...] Atinjo o vale dos Picos Gordos por um carreirinho de nada, aberto na leiva do talvez, e descobrimos então o formidável espetáculo da data de água às manadas, sem guias, ao comprido das bordas da lagoa. O sítio é tão amplo e escondido do caminho público (que no

38 Anuário da Junta Geral de 1952-1953, p. 323.

39 Anuário da Junta Geral de 1951, p. 85-86

40 Vitorino Nemésio (1955) – *Corsário das ilhas*. Livraria Bertrand, pp. 221-224.



entanto se lhe abre a dois passos), que me surge como um milagre desta envolvente arquitetura pastoril da minha ilha.”⁴⁰

Foi apenas em 1966 que a *Circunscrição Florestal de Angra do Heroísmo* deu início aos trabalhos para aproveitamento integral das zonas do *Pico Gordo* e *Narião*, que não estavam integradas nos baldios da Junta Geral, pretendendo nesse mesmo ano proceder à abertura do acesso para a Lagoa do Negro,⁴¹ o que veio a acontecer nas encostas dos Picos Gordos,⁴² nomeadamente na que desce para a lagoa, hoje coberta de criptoméria. Foram, no entanto, os Serviços Agrícolas que, pouco antes de 1973, tiveram o propósito de usar um tubo para retirar a água desta lagoa e conduzi-la até à zona da Cafua Velha e do Pau Velho para servir o gado. Houve decisões superiores em sentido contrário que desaprovaram e cancelaram tal projeto. Para tal desfecho não deverá ter sido alheio o papel da Associação Os Montanheiros que a partir de 1969 começou a proporcionar à população a visita da Gruta do Natal por altura das celebrações natalícias, uma gruta que se encontra a poucos metros de distância, com ramificações sob esta lagoa. É de 1971 a foto que aqui se publica, onde se vê a embarcação “Marina”, lançada nestas águas numa altura em que alguns equacionavam a possibilidade de fazer deste um local de recreio de grande envergadura. O caminho para viaturas terminava então junto à lagoa, tendo sido melhorado em 1970 por altura de mais uma missa de Natal na gruta e novamente intervencionado em 1977.

Em tempos foi um espelho de água de dimensões generosas que servia de bebedeiro ao gado que pastava neste baldios. Hoje encontra-

-se reduzida a uma pequena poça com pouca expressão. Este ecossistema lacustre, onde ainda há poucos anos se viam pessoas a apanhar pequenos peixes para levar para os seus tanques nos jardins, foi perdendo a sua função ecológica, grandemente afetada por uma invasão de Lagostim-de-água-doce (*Procambarus clarkii*), uma espécie nativa do sul dos Estados Unidos da América que tem vindo a ocupar outras lagoas nos Açores. À noite consegue-se facilmente, num curto período, apanhar dezenas de indivíduos, o que demonstra a rápida expansão desta praga. Sendo uma espécie omnívora, que consome ovos e captura indivíduos juvenis, capaz de tolerar períodos secos de mais de quatro meses, torna-se numa grave ameaça para a restante biodiversidade local, sendo já uma realidade na Lagoa do Negro a diminuição na população de rãs e peixes.

Em 2010 a lagoa e uma área envolvente foram objeto de um projeto experimental de recuperação da biodiversidade por se considerar ser uma zona relevante para as aves migratórias. Na bibliografia é reportado um grande número de espécies avistadas⁴³ mas nos últimos tempos tem-se resumido às gaivotas e às garças que esporadicamente aparecem. Pelo menos estas últimas costumam preda lagostins o que é benéfico.

41 Reunião da Junta Geral de 13 de abril de 1966.

42 Com a abertura do caminho pelo meio do Pico Gordo, como que a dividi-lo, vulgarizou-se chamá-lo de Picos Gordos, como hoje é conhecido, como se de dois se tratasse.

43 Jornal “A União” de 29 de março de 2010.

LAGOA DAS PATAS

FREGUESIA DOS BISCOITOS; COORDENADAS 478547E 4287529N; ALTITUDE 528 M; ÁREA MÁXIMA 310 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA ÁREA PROTEGIDA PARA A GESTÃO DE HABITATS OU ESPÉCIES DO PLANALTO CENTRAL E COSTA NOROESTE.



Surge representada pela primeira vez na Carta Militar de Portugal de 1959, dos Serviços Cartográficos do Exército. Esta pequena e quase desconhecida lagoa anichada na base do flanco norte do Pico dos Pedreiros é chamada de Lagoa das Patas. Percebe-se que gere confusão com a bem mais conhecida Lagoa da Falca, a que o povo começou também a chamar de Lagoa das Patas. Mas, segundo nos foi referido pelo Ti Queijinha, um antigo cabreiro de S. Bento, esta é que foi desde sempre chamada de Lagoa das Patas, por aqui se avistar com frequência patos bravos nas suas rotas migratórias.

Não fosse o facto de estar encaixada no interior de uma depressão bem delimitada, que continua a receber água da envoltência, provavelmente já se teria transformado numa turfeira, havendo ainda o risco de tal acontecer num futuro não muito distante. O musgo *sphagnum palustre* que ocupa as suas margens vai progredindo para o interior, reduzindo a área de água livre.

LAGOA DO ALPANAQUE

FREGUESIA DO PORTO JUDEU; COORDENADAS 480851E 4285893N; ALTITUDE 528 M; ÁREA MÁXIMA 3480 M²; ESTÁ INCLUÍDA NA ÁREA PROTEGIDA DE GESTÃO DE RECURSOS DA CALDEIRA DE GUILHERME MONIZ.



Esta lagoa encontra-se numa depressão não muito funda, mas bem definida, no cimo do Pico do Alpanaque, de onde lhe advém o nome. A paisagem é mais parecida com um planalto que propriamente aos tradicionais picos de encostas íngremes e crateras no interior. Não havendo árvores para interceptar nevoeiros, a lagoa subsiste exclusivamente com as águas das chuvas o que não deixa de ser surpreendente, tendo em conta que a sua bacia de captação não é assim tão vasta. Esse facto leva a deduzir que para além



da evaporação e da água que os touros possam beber, esta lagoa deverá ter uma boa impermeabilização natural, perdendo pouca água por infiltração quando comparada com outras.

A primeira cartografia onde vemos figurar a Lagoa do Alpanaque é a Carta Militar de Portugal de 2001. Estando a cerca de 160 m de uma estrada bastante percorrida, é de facto uma das lagoas mais desconhecidas pela população, a que não será alheio o facto de ser uma propriedade privada onde os touros bravos andam à solta. Poucas são as fotos da mesma, atrevendo-me a dizer que, se calhar, estas que apresentamos, que pertencem ao arquivo dos Montanheiros, serão das primeiras que se tiraram a esta lagoa. Claro que hoje, com os *drones*, a realidade é outra.

LAGOINHAS DO PICO DO BOI

FREGUESIA DA AGUALVA; LAGOA GRANDE / LAGOA PEQUENA: COORDENADAS 483225E 4287627N / 483252E 4287844N; ALTITUDE 608 M / 608 M; ÁREA MÁXIMA 1285 M² / 1004 M²; RESERVA NATURAL DA TERRA BRAVA E CRIAÇÃO DAS LAGOAS.



Eram conhecidas apenas por *Lagoinhas* mas, para ajudar a distinção entre estas e a *Lagoinha* (da Serreta) começaram a ser chamadas de *Lagoinhas da Agualva* ou *Lagoinhas do Pico do Boi* por surgirem na base ocidental deste pico. Considera-se como sendo duas lagoas contíguas, já referidas em 1843: “Quase da mesma extensão da do Ginjal são as duas lagoas do mato próximas à freguesia d’Agualva perto do Portal dos Ventos”⁴⁴. Existiam num vale encaixado que primitivamente recebia água de várias vertentes na envolvência. Quem se lembra delas como outrora foram, amplas, profundas e ladeadas por uma vegetação natural mais baixa, sentiria uma profunda desilusão ao ver no que se tornaram agora. Hoje estão transformadas nuns charcos indefinidos, com mais alguma água no Inverno,



mas que no restante do ano deixam perceber o quanto o fundo da Lagoa Grande está assoreado pelos detritos arrastados das pastagens e caminhos envolventes, e o quanto a Lagoa Pequena foi já ocupado pela vegetação.

A arroteia de uma vasta área de vegetação natural a montante das lagoas, que deu origem a uma grande pastagem denominada de Criação das Veredas, mas também a abertura de um caminho particular que permitiu o acesso de tratores e viaturas todo-terreno até junto das lagoas sem grande dificuldade, terão contribuído de forma grave para acentuar o assoreamento da Lagoa Grande.

LAGOA DO AREIRO

FREGUESIA DO PORTO JUDEU; COORDENADAS 483564E 4285369N; ALTITUDE 470 M; ÁREA MÁXIMA 2310 M²; ESTÁ INCLuíDA NA ÁREA PROTEGIDA DE GESTÃO DE RECURSOS DA CALDEIRA DE GUILHERME MONIZ.

Surge representada pela primeira vez na Carta Militar de Portugal de 1959 dos Serviços Cartográficos do Exército. Mais uma típica lagoa, das que se desenvolvem no fundo das crateras dos cones vulcânicos, neste caso o Pico do Areiro situado no Caminho do Cabrito, junto à derivação para as Fajãs. Não são muitas as pessoas que conhecem esta lagoa, que começou a ser mais visitada quando os Montanheiros começaram a passar por aqui nas suas caminhadas.

Antes, todo este pico era um prado natural mantido pelo gado que aqui pastava, mas há uns anos plantaram nas encostas exteriores criptoméria. Apesar de praticamente não o terem feito nas vertentes interiores o certo é que se tornou impossível ao gado aceder ao interior que, entretanto, foi invadido de urzes, silvas e outras infestantes. A própria criptoméria terá reduzido a quantidade de água que chega à lagoa e afetado grandemente a circulação do vento no interior do cone, que ajudava a limitar o crescimento da flora aquática que hoje prolifera à superfície da Lagoa.



44 Jerónimo Emiliano de Andrade (1843) - *Topographia, ou Descrição Physica, Política, Civil, Ecclesiástica, e Histórica da Ilha Terceira dos Açores*. Parte primeira, p. 20.

LAGOA DO ALGAR DO CARVÃO

FREGUESIA DO PORTO JUDEU; COORDENADAS 481302E 4286616N; ALTITUDE 460 M;
ESTÁ INCLuíDA NO MONUMENTO NATURAL DO ALGAR DO CARVÃO.

Esta lagoa, localizada na parte mais profunda do Algar do Carvão, foi descoberta pela primeira vez em 1893, aquando da primeira descida ao interior desta cavidade vulcânica. É a única lagoa subterrânea visitável na ilha Terceira. O seu nível varia bastante de acordo com a estação do ano, atingindo nalguns anos mais de 20 metros de profundidade. Vai baixando durante o verão e quando começa o período de maior precipitação recomeça a encher, em parte devido aos pingos que caem da abóbada que a cobre e às escorrências das paredes, mas principalmente devido a nascentes subterrâneas que aumentam bastante de caudal nessa altura.

O facto de nunca receber luz direta do sol, faz com que a água seja fria, cristalina e praticamente estéril a nível da biodiversidade. Subsistem alguma diatomáceas e outras formas de vida muito simples. O fundo é completamente rochoso, composto por grandes blocos que se desprenderam do teto e das paredes, que estão a cobrir as lavas consolidadas da última fase da erupção.

Esta lagoa já recebeu mergulhadores e já teve uma jangada onde passeavam os visitantes. Atualmente é registada a sua variação altimétrica durante o ano, assim como determinados parâmetros de qualidade das suas águas para a monitorização do projeto de exploração Geotérmica que está a decorrer.



OUTROS CHARCOS E LAGOAS

Para além das lagoas referidas, importa dar nota de outras que foram em tempos lagoas e que hoje já não tem essa categoria, apesar de por vezes ainda serem assim chamadas. Tentámos também registar algumas que, apesar de terem uma importância muito reduzida, tiveram uma denominação atribuída pelo povo. Algumas dessas encontravam-se nas caldeiras da zona central da ilha, que inclui a Terra Brava, Sanguinhal, Biscoito da Ferraria, Biscoito Rachado, Caldeira da Agualva e Guilherme Moniz. Quem visita estes locais pode ainda hoje ver várias turfeiras que terão começado por ser pequenas lagoas.



LAGOA DO MADRUGA

SANTA BÁRBARA
472193 E; 4287114 N

Vasta área de turfeira na parte alta da Serra de Santa Bárbara, entre as antenas e o bordo da caldeira. De inverno é possível ver alguns pequenos charcos de água sobre o esfagno, junto dos cedros-do-mato e demais vegetação que começa a ocupar as partes mais elevadas. Há pessoas idosas que se lembram de ver neste local um grande espelho de água livre.

LAGOA DO NARIÃO

BISCOITOS
478805 E; 4290443 N

A erupção em 1761 do Pico Vermelho e do Pico do Fogo deu origem e a uma corrente de lava que formou um dique e bloqueou o curso de água da Ribeira da Chamusca (=Ribeira do Vale do Azinhal). Consequentemente, surgiu a montante deste local a denominada Lagoa do Narião, no lugar do Curral do Vimieiro. Para aqui confluem as águas da Fonte do Vimieiro, da Grota do Narião e do Vale do Azinhal. Os detritos arrastados pelas águas foram assoreando a lagoa, onde foram plantados frondosos plátanos. Quando chove, o Curral do Vimieiro volta a encher-se criando um inusitado espelho de água entre os troncos das árvores causando um bonito efeito. Esta lagoa consta na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899. Era conhecida também por Lagoa Comprida.

LAGOA DO SANGUINHAL

BISCOITOS
480526 E; 4288128 N

Situada na zona do Sanguinhal, junto ao Pico do Tamujo, está o que resta daquela que terá sido a maior lagoa da ilha Terceira, que vinha já desenhada na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899. Num vale perfeitamente delimitado vemos hoje uma superfície aplanada, completamente assoreada por detritos que lhe chegaram dos terrenos pomíticos que foram arroteados em seu redor, e do caminho que a rodeia, onde todo o material escavado teve como destino esta antiga lagoa, hoje uma enorme turfeira.

LAGOA DO LABAÇAL

QUATRO RIBEIRAS
480326 E; 4290370 N

Também na Carta Corográfica de 1899 está marcada uma lagoa na Serra do Labaçal, que chegou a ser observada pelos Montanheiros. Era de pequena dimensão e expressão, mesmo porque o terreno envolvente apresenta-se bastante fraturado e permeável, não se proporcionando à existência de grandes lagoas.

LAGOA DO CHAMBRE

BISCOITOS
479827 E; 4288982 N

Outra das lagoas que surge na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899 é a Lagoa do Chambre, que existia junto à rocha do mesmo nome. Com as arroteias e abertura de caminhos a que este local foi sujeito para instalação de um eucaliptal, muitos metros cúbicos de materiais pomíticos foram arrastados para o local onde existia a antiga lagoa, hoje completamente seca.

LAGOA DOS TERREIRINHOS

SÃO BENTO
483475 E; 4283482 N

Encontramos esta pequenina lagoa na encosta exterior da Serra do Morião. É mantida com o propósito de servir de bebedouro ao gado. É também conhecida pelo nome de Lagoa do Dr. João Rodrigues.

CHARCO DO MOLEDO

QUATRO RIBEIRAS
479270 E; 4291203 N

Turfeira que existe na zona do Moledo, Quatro Ribeiras. Toda esta zona foi alvo de um plano de florestação com espécies exóticas, e rasgada por um caminho a montante da lagoa, o que terá contribuído para acelerar a sua eutrofização.

CHARCO DO PASTO NOVO

AGUALVA
482371 E; 4287655 N

Junto ao Caminho Florestal da Terra Brava, na zona dos Alagadiços, esta lagoa está agora rodeada de um bosque de criptomérias que acabará por a secar num futuro próximo.

LAGOA DO PICO DOS CEDROS

PORTO JUDEU
482074 E; 4286375 N

Junto ao pico com o mesmo nome. Vem sinalizado na Carta Corográfica da Ilha Terceira de 1899. Mantém água todo o ano.

LAGOA SECA

AGUALVA
482138 E; 4287673 N

Turfeira encaixada num vale fundo junto ao Caminho da Terra Brava, a norte do Pico do Mau Olho.

CURRAL DAS VACAS

POSTO SANTO
477650 E; 4286088 N

É um charco bastante artificializado, que se encontra na base do Pico da Bagacina junto à Estrada das Doze e que serve de bebedouro ao gado.

CHARCO DO CURRAL VELHO

ALTARES
472953 E; 4289055 N

Um charco natural, parcialmente transformado em turfeira, que existe a montante do Pico Redondo.

CHARCO DO MORRO DA VIGIA POSTO SANTO 479584 E; 4286813 N	Um pequeno charco conhecido por quantos fazem agora o Percurso Pedestre PRC10 TER - Algar do Carvão / Furnas do Enxofre
CHARCO DO PASTO DA LAGOA PORTO JUDEU 484656 E; 4284604 N	Trata-se de um charco que surge numa da pastagem do Pico da Cruz, ao Cabrito, que apresenta uma depressão e que enche de inverno em virtude das escorrências das águas nas pastagens em redor. No entanto onde hoje existe esta depressão existia em tempo um pico, que foi sujeito a uma intensa extração de inertes, usados na construção da lagoa artificial que está a cerca de 100 m desta.
CHARCO DO PICO DA BAGACINA POSTO SANTO 478247 E; 4286256 N	A integridade deste charco foi durante muitos anos alvo de grande preocupação porque albergava uma espécie classificada como <i>Marsilea azorica</i> que se pensava ser exclusiva deste local. Afinal tinha sido mal classificada e trata-se na realidade da espécie exótica <i>Marsilea hirsuta</i> .
CHARCO DO TERREIRO DA MACELA BISCOITOS 478368 E; 4290787 N	Hoje é um charco, que atinge alguma dimensão no Inverno, que enche uma depressão numa pastagem baldia.
CHARCOS DA LOMBA DO CERRO ALTARES 475609 E; 4289314 N	Conjunto de vários charcos que surgem numa determinada pastagem próxima da Lagoa do Cerro.
CHARCOS DOS DIREITOS DO MORIÃO POSTO SANTO 481631 E; 4282968 N	Existem vários charcos nos pastos que formam os Direitos do Morião, na parte mais alta da serra com este nome.
OLHO DE BOI POSTO SANTO 482054 E; 4283333 N	Era talvez o charco que aguentava mais água dos muitos que se formam nas pastagens do interior da Caldeira do Guilherme Moniz. O nome advinha-lhe do formato, que hoje está muito alterado porque o proprietário dos terrenos intervencionou-a de forma a aumentar o seu volume, embora reduzindo a sua área.
FONTES DA VINAGREIRA AGUALVA 481232 E; 4289030 N	Junto ao Pico da Fonte houve em tempos uma antiga lagoa abastecida por uma nascente.
CHARCOS DO PICO DO MALHÃO PORTO JUDEU 485975 E; 4283455 N / 485947 E; 4283362 N	No interior da cratera do Pico do Malhão e no cone exterior existem alguns charcos que de inverno enchem de água criando um enquadramento interessante. São usados para consumo dos animais.
LAGOA DAS CRIAÇÕES POSTO SANTO 479465 E; 4285826 N	É na realidade um charco que hoje mantém água apenas durante o período de maior precipitação.
CHARCO DOS BOINS SÃO BARTOLOMEU 477739 E; 4285457 N	Encontra-se em terrenos da Casa Agrícola José Albino Fernandes. Hoje é uma turfeira.
LAGOA DO CERRADO DOS BOIS E LAGOA DO FENO SANTA CRUZ	Nomes atribuídos por Emiliano de Andrade a charcos que provavelmente ainda existem no Paul das Vacas, mas que hoje não são assim nomeados. ⁴⁵

45 Jerónimo Emiliano de Andrade (1843) - *Topographia, ou Descrição Physica, Política, Civil, Ecclesiástica, e Histórica da Ilha Terceira dos Açores*. Parte primeira, p. 20.